

Entre o material e o simbólico: as culturas políticas de um mundo romano em transformação

*Between the material and the symbolic: the political cultures of a
changing Roman World*

DENCH, E. *Empire and political cultures in the Roman World*.
Cambridge: Cambridge University Press, 2018. 222 p.

Melissa Moreira Melo Vieira*

Recebido em: 18/12/2020

Aprovado em: 20/01/2020

Como podemos compreender a experiência local das mudanças no mundo romano? Onde devemos olhar e como começar a entender os processos envolvidos? É a partir de tais questionamentos que Emma Dench fundamenta a obra *Empire and political cultures in the Roman World*, publicada em 2018. O livro faz parte da coleção *Key Themes in Ancient History*, cujo objetivo é publicar volumes com sínteses introdutórias de tópicos básicos da História Greco-Romana em um formato acessível para estudantes e professores de História Antiga. Dench transcende este objetivo inicial ao trazer uma análise complexa das mudanças político-culturais desencadeadas pelo delineamento de um modelo imperial romano, que é conciliada com uma rica discussão historiográfica sobre as principais tendências de pesquisa sobre a “romanização” entre o final do século XIX e início do século XX.

Emma Dench é professora do Departamento de Estudos Clássicos da Harvard University e atualmente ocupa o cargo de McLean Professor of Ancient and Modern History. Dench tem como áreas de interesse de pesquisa a República romana e os primeiros séculos do Império, as discussões sobre a construção do passado romano e as questões identitárias que o englobam. Ela também publicou as obras *From Barbarians to new men: Greek, Roman, and modern perceptions from peoples of the Central Apennines* (1995) e *Romulus' asylum* (2004). Concentrando-se na dimensão política das articulações entre o

* Doutoranda em História pela École Doctorale SLTC (Université de Lorraine, França), sob orientação de Cécile Bertrand-Dagenbach e Hervé Huntzinger. Membro do grupo de pesquisa *Histoire et Cultures de l'Antiquité et du Moyen Âge*.

Estado e as comunidades locais, Dench interessa-se pela intervenção ou influência direta de representantes do Estado imperial nas comunidades locais, a apropriação de sistemas e símbolos posteriormente associados à soberania romana e, sobretudo, o processo de integração das comunidades com o poder imperial.

O capítulo 1, intitulado *Toward a Roman dialect of Empire*, busca compreender os modos de legitimação e reivindicação de poder e soberania do Estado romano, na medida em que este competia com diversos outros sistemas de poder preexistentes. O estabelecimento de um Estado imperial é interpretado por Dench como um dos demais processos em curso, no qual grupos e indivíduos foram capazes de usar e reivindicar o poder do Estado romano para vários fins. A autora questiona conceitos e instituições muitas vezes considerados preestabelecidos pela historiografia, como o de *imperium* no sentido de uma única entidade territorial (o "Império Romano"), que englobava províncias como unidades administrativas, compondo *hotspots* comunitários que concentravam a centralidade e o poder do Estado romano. Dench argumenta que, longe de serem instituições clássicas e distintas do Estado romano, conceitos como o de *imperium* são produtos de longos processos de formulações, modificações e transições.

Mudando o foco do conceito de *imperium* aplicado à esfera simbólica, Dench inicia o segundo capítulo, *Territory*, concentrando-se no alcance de algumas concepções, a exemplo da dominação territorial como um aspecto definidor do poder imperial do Mundo Antigo e como o alvo mais frequente da atenção do Estado diante das comunidades locais. Ao evocar as teses de Francis Haverfield (1923) e Edward Luttwak (1976) para justificar a crítica a uma historiografia que interpreta a territorialidade romana sob um ideal moderno de fronteiras racionais e estabelecidas, Dench enfatiza a complexidade dos processos de urbanização e estabelecimento de redes rodoviárias romanas.

O capítulo 3, *Wealth and Society*, concentra-se principalmente nas consequências econômicas do fim do modelo político republicano, bem como na relação entre a exploração econômica e o imperialismo romano. Distanciando-se de uma análise econômica cujas consequências socioculturais são abordadas com superficialidade, Dench enfatiza como as mudanças econômicas do Império afetaram o cotidiano das comunidades locais. Um exemplo disso é a análise que a autora faz sobre as regras de distribuição de cadeiras dos teatros a partir de categorias sociais estabelecida pela *Lex Roscia*, de 69 AEC, que se traduz como "o primeiro princípio do sistema de privilégios socialmente específicos associados ao domínio romano" (DENCH, 2018, p. 98).

Em *Force and Violence*, quarto capítulo do livro, Dench debruça-se sobre as questões militares e sobre os "usos performáticos e espetaculares da violência" do Estado romano. O capítulo é dedicado a explorar o papel distintivo das regras aos quais o Estado romano e

os atores individuais estavam sujeitos. Ao mesmo tempo que enfatiza a materialidade dos atos de violência romanos, que “não eram, de forma alguma, simbólicos”, Dench critica a noção de um Estado que aplicava a violência e a coerção de modo constante e irracional. Em Roma, o monopólio da violência diferia de outras potências imperiais na medida em que contava substancialmente com a força dos súditos e aliados para manter a paz dentro de suas próprias comunidades e contribuir ativamente no projeto de expansão imperial, seja pelo envio de soldados individuais ou mesmo de unidades militares.

O quinto e último capítulo, *Time*, analisa as concepções de passado e futuro e como estas foram moldadas pelo poder romano. Dench busca compreender como o uso de modelos de calendários e cronometragem colaboraram na configuração da relação entre o povo local e o Estado romano, “criando distâncias ou identidades entre Nós e Eles”. A padronização dos sistemas de gestão de tempo romanos era, portanto, um exemplo claro de como as mudanças desencadeadas pelo Império reconfiguraram os ritmos cotidianos locais, as relações de trabalho e até mesmo os modos de conexão dos indivíduos com suas noções de passado, presente e futuro.

Dench conclui a obra argumentando que o modelo de discussão sobre as mudanças desencadeadas pelo Império Romano, dominante entre o fim do século XIX e o início do século XX, ainda não foi totalmente abandonado. Esse modelo, baseado principalmente na concepção de romanização – o “tornar-se romano” a que Dench se refere no título do epílogo – impossibilita uma apreciação dos aspectos performativos das identidades e da consciência da coexistência de grupos locais, cujos sistemas de poder estavam em contínua concorrência. *Empire and political cultures in the Roman World* é, portanto, o produto de novos modelos de análise das culturas políticas romanas, que consideram um império fragmentado e potencialmente mais precário, mas, ao mesmo tempo, mais flexível, resiliente e dinâmico. O mérito da obra repousa na articulação que Dench empreende entre os aspectos territoriais, simbólicos, materiais e militares de um império em constante transição. Com o amparo de uma bibliografia atualizada e um minucioso estudo da documentação primária, o livro agrega contribuições relevantes a uma historiografia interessada em questionar antigas doutrinas e reavaliar o impacto do discurso do poder romano na construção de sua própria memória.

Referências

- HAVERFIELD, F. *The Romanization of Roman Britain*. Oxford: Clarendon Press, 1923.
- LUTTWAK, E. N. *The grand strategy of the Roman Empire from the first century AD to the third*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1976.